

“ESTÁ BEM BOM PARA INGLÊS VER”: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA E DA CULTURA INGLESAS NO BRASIL (1808-1920)

Vera Lúcia H. Hanna*

Resumo: A partir de 1808, o Brasil sofre um processo de reeuropeização de sua cultura. Com base nos procedimentos metodológicos da Historiografia Lingüística, apresentaremos aqui um breve perfil da trajetória influenciadora da língua inglesa e cultura britânica na cultura brasileira no século XIX identificando os momentos em que ambas começaram a influenciar as mudanças ocorridas no Brasil quanto aos padrões de comportamento, hábitos de consumo, gostos artísticos, preferências políticas.

Palavras-chave: Língua; cultura; interculturalidade.

*Em história, não pode haver nunca a obra definitiva;
tudo a que podemos aspirar são aproximações
mais ou menos felizes.
(Fernando A. Novais)*

“ESTÁ BEM BOM PARA INGLÊS VER...”

“O léxico de uma língua forma-se na história de um povo”, afirma Fiorin (2002, p.119), e a história nos mostra que o Brasil entra num processo de reeuropeização após a chegada da Família Real com a abertura dos portos feita por D. João VI em 1808, e tenta sair da condição de um país até então marginalizado quanto a cultura, economia e comércio do mundo ocidental, porquanto o que se apresentava era um retrato vivo do resultado da derrocada do monopólio comercial português. A Inglaterra, país hegemônico no século XIX, exerceria seu poder de jovem imperialista e forneceria, logo nos primeiros contatos comerciais com os luso-brasileiros aqui estabelecidos, os empréstimos lingüísticos que vinham naturalmente

* Professora adjunta da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
E-mail: vehana@widesoft.com.br

acompanhando os objetos importados, as idéias, os padrões de comportamento, os hábitos de consumo, os gostos artísticos, as preferências políticas, e, principalmente, as novas invenções, que acrescentariam traços culturais originais à vida brasileira e à paisagem urbana. Maria L. Pallares-Burke (2000) afirma que “A influência britânica sobre o Brasil do século XIX foi tão marcante que se dizia que estava *londonizando* nossa terra”.

Mas por que “*para inglês ver*”? Há inúmeras versões sobre a origem da expressão, uma delas, porém, conta que teria sido dita por D. João, príncipe regente, em 1808, quando chegou à cidade de Salvador e encontrou-a toda iluminada para recebê-lo; exclamara então, “*Está bem bom para inglês ver*”, explicitando a relação econômico-comercial existente entre a Coroa portuguesa e os britânicos. Estes haviam começado a se estabelecer em cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife, pois viam no país um clima favorável para a expansão de sua indústria e comércio, cuja política “do obter o máximo de favores, o máximo de lucros” já vinha sendo em prática com Portugal desde o século anterior: “Na segunda metade do século XVIII havia só em Lisboa mais de cem casas comerciais inglesas e em mãos inglesas estava quase todo o comércio de vinhos” (Freyre, 2000, p.19).

A presença dos ingleses no Brasil, sobretudo na primeira metade do século XIX, pode ser vista como a influência da cultura intelectual e material, da indústria, da técnica, da moda sobre o cotidiano brasileiro daquela época. Significou a introdução “da modernização das condições materiais de vida do brasileiro: das condições de produção, habitação, transporte, recreação, comunicação, iluminação, alimentação e repouso entre nós” (Freyre, 2000, p.101). A importação de artigos domésticos, como talheres, louças, alimentos, roupas, móveis, materiais e máquinas, constituiu uma mudança rápida em nossa cultura, cultura no sentido sociológico, atestada, igualmente, quando analisamos os empréstimos lingüísticos subjacentes. Os hábitos alimentares como comer o pão de trigo, o *beef*, o bife com batatas, a *batata inglesa*, o *rosbife* e a costeleta de carneiro, o *molho inglês*, os *sandwiches*, o *ponche*, o *lanche*, o *pudding*, tomar o chá das cinco e os *drinks* gelados, *whisky*, *gin*, *rum* e a cerveja foram incorporados ao dia-a-dia. Observamos, além disso, as influências britânicas na utilização de objetos de uso doméstico e pessoal, no uso de talheres, no hábito do *gentleman* de fazer a barba diariamente, no vestuário e nos tipos de tecido, principalmente a lã, produzida pela indústria britânica e usada na confecção de casacas, luvas, meias, no *chapéu inglês* e, ainda, na adoção do brim branco nos trajes masculinos por causa do calor dos trópicos, a *dinner jacket* (aqui conhecida como *smoking*) e o redingote (*riding coat*). Destacamos também mudanças no modo de morar, como as casas no subúrbio, e, na arquitetura, os novos tipos de habitação, o *bungalow*, introduzindo até as vidraças e grades de ferro, sem contar o *water-closet*. Além disso, aprendemos o hábito da pontualidade em encontros marcados, a *hora inglesa*, e tivemos contato com a ética dos negócios, a *palavra de inglês*. Podemos acrescentar mesmo o gosto pela leitura de romances policiais como *Sherlock Holmes*, e a prática dos *sports*, como o *football*, o *tennis*, a bicicleta e até a sinuca (*snook*), o *poker*, o *turf*, a criação dos *clubs*.

Os ingleses da era vitoriana foram os responsáveis pela introdução, em nosso país, das “primeiras fundições modernas, o primeiro cabo submarino, as primeiras estradas de ferro, os primeiros telégrafos, os

primeiros bondes, as primeiras moendas de engenho moderno de açúcar, a primeira iluminação a gás, os primeiros barcos a vapor” (Freyre, 2000, p.60). Eram vistos como “agentes da cultura britânica” e entre eles estavam cónsules, engenheiros construtores de ferrovias, mecânicos, negociantes, missionários, artesãos, operários que, além de nos ajudarem a elevar o país ao nível do século, emprestaram seus costumes, valores e cultura. Eram, em geral, malvistas pelos luso-brasileiros que lhes apelidavam de *mister, beefs, godene (de God damn), gringos, bodes, marinheiro*; no entanto, foram imediatamente transformados em agentes disseminadores dos incontáveis anglicismos, notadamente os verbos criados a partir do empréstimo de substantivos e que adquiriam a primeira conjugação – a conjugação produtiva em nosso sistema lexical – como *liderar, boicotar, breçar, esbofetear, boxear, driblar, lanchar, blefar*, e que, conjugados de acordo com a nossa morfologia, fazem parte hoje do português do Brasil.

Se o léxico de uma língua também conta a história de um povo e reflete a vida socioeconômica, resultado de suas relações políticas e econômicas com outros países e, principalmente, da correlação de forças entre as nações em determinado momento, podemos afirmar que o Brasil, no século XIX, ainda vivendo num contexto agrário-escravocrata, começava a sentir quão rapidamente a tendência contínua e acelerada das mudanças tecnológicas provenientes da Grã-Bretanha acarretava alterações em nossos hábitos, atitudes, costumes cotidianos, vocabulário.

Como sabemos, a maioria das inovações surgidas durante a Revolução Industrial, o desenvolvimento de novos materiais, equipamentos e técnicas teve origem na Inglaterra, o que resultou um impacto imediato na língua, pois à medida que o avanço científico lançava uma nova invenção, uma nova terminologia científica também entrava em uso, adicionando milhares de palavras ao léxico inglês. Conseqüentemente, países que entravam em contato com essas novidades acabavam também se familiarizando com seus nomes, em princípio adotando-os como no original e muitas vezes, mais tarde, adaptando-os ao idioma nativo, e o Brasil fazia parte dos países que seguiam essa tendência. Segundo Crystal (2001, p.72), não havia competição ou ameaça de outras línguas, ou muito menos algum tipo de “crise de identidade lingüística”; logo, a aquisição de palavras oriundas do inglês era rápida e sem conflitos. Já por volta de 1900 “o inglês havia se tornado a língua dominante da política global e da economia e tudo indicava que assim continuaria sendo”.¹

É, portanto, dessa relação econômico-comercial, advinda dos privilégios exagerados concedidos à Inglaterra e da conseqüente “britanização sistemática” da economia brasileira, em razão do monopólio da importação outorgado à Grã-Bretanha, assim como do estabelecimento de ingleses no Brasil, que passamos a adotar incontáveis vocábulos da língua inglesa e os aportuguesamos, às vezes na pronúncia, outras na escrita, ou em ambos. Gilberto Freyre (2000) apresenta, no decorrer de sua obra, uma série desses empréstimos, como os anglicismos de “origem ferroviária” ou

1 Nossa tradução para: “English had become the dominant language of global politics and economy, and all the signs were that it would remain so.”

“rodoviária”, como *breque, macadame, bonde, tílburí*, ou de origem marítima, como *iate, deque, doca, escuna (schooner)*. Quando o assunto é *sport*, podemos destacar *football, goal, goalkeeper, back, off-side, sportsman, team, crack, corner, performance, handicap, box, ring, knockout, round, rowing, turf, jockey, match, record, puzzle*. Lembramos ainda do *alô* ao responder a chamada telefônica, do *hurrah* ou *urra* festivo, de *slogan, rifle, check (cheque), standard, snob (esnobe), best-seller, pony (pônei)* e muitos outros termos emprestados e incorporados ao linguajar daqueles que viviam em centros urbanos que adotavam os artigos, os equipamentos, os materiais, o modo de se vestir e de se comportar.

No século XIX, a sociedade brasileira passou por uma fase de mudanças profundas que haviam sido iniciadas lentamente após a Independência em relação a Portugal e mais aceleradamente a partir de 1870, logo após o final da Guerra do Paraguai, pois um grande endividamento veio a desestabilizar o Império obrigando o país a novos empréstimos internacionais, o que significava financiamentos vindos da Grã-Bretanha, responsável pelo sistema bancário internacional. Depois da proclamação da República, tem início uma enorme transformação na cidade do Rio de Janeiro, que contava então com mais de quinhentos mil habitantes e é descrita como “a metrópole-modelo”, pois passara a ser “a sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país ... o eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo” (Sevcenko, 2001, p.522).

MACHADO DE ASSIS JÁ DIZIA “MAKE MONEY”

Nas palavras de Gilberto Freyre, enquanto recebíamos, assimilávamos, adotávamos, desenvolvíamos, recriávamos e, é claro, abrasilávamos as “estrangeirices”, experimentávamos uma identidade nacional baseada na miscigenação das raças, ao mesmo tempo que era desenvolvido um processo social de integração com outras culturas, principalmente de influência européia, e que, ao se somar à dos luso-brasileiros, do negro e do índio, interpenetrando-as, tornava-nos originais em nossa brasilidade. O autor chama esse acontecimento de “integração de culturas” menos do que “degradação”, e afirma que “sem essas assimilações não haveria, no Brasil ... nem Alencar nem Machado de Assis nem Euclides da Cunha nem Joaquim Nabuco nem Santos Dumont nem Osvaldo Cruz nem Villa Lobos nem Guimarães Rosa” (Freyre, 2000, p.28).

Ao nos atermos às influências lingüístico-culturais, referentes aos empréstimos de língua inglesa, escolhemos destacar aqui trechos de crônicas de Machado de Assis publicadas na *Gazeta de Notícias*, em *A Semana*, (1892-1893) e de *A profissão de Jacques Pedreira*, de João do Rio, livro de 1910, pois constatamos que ambos utilizam-se de expressões daquela língua, espontaneamente, como que se, ao retratar a “moderna” vida social e urbana da capital da República, os anglicismos fossem coadjuvantes na descrição das novidades, e, principalmente, quando usados nas inúmeras referências sócio-político-culturais feitas à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos.

Machado de Assis, acusado de “anglófilo” e chamado de “mulato inglês”, era leitor de autores estrangeiros, principalmente de britânicos, de quem

assimilou o modelo de “humor inglês”, citando-os com muita frequência como se fossem bem conhecidos de seus leitores, assim como suas obras e personagens mais famosos, utilizando-se muitas vezes de passagens na língua original. Shakespeare era um de seus favoritos e, em 23 de abril de 1893, conclui sua crônica assim, “E acabemos aqui; acabemos com ele mesmo, que acabaremos bem. *All is well that ends well*” (Assis, 1996, p.232), referindo-se ao título de uma das comédias mais famosas do bardo inglês. De *O mercador de Veneza*, o agiota *Shylock* é várias vezes lembrado como “Creio antes em *Shylock*” (ibidem, p.119), em 11 de setembro de 1892. Em 15 de janeiro de 1893, falando sobre a ganância, refere-se a *Otelo*, “Apesar deste risco (de meter o dinheiro no bolso) o conselho de *Iago* é que se meta dinheiro no bolso. *Put money in thy purse*” (ibidem, p.180). Machado inúmeras vezes destaca a nova “febre aquisitiva” da burguesia, a mania de adquirir produtos importados, gastar dinheiro “a rodo” – nem sempre ganho licitamente – hábitos tomados de cidades cosmopolitas, de tradições européias e americanas e a expressão escolhida, “*Make money*” fortalece ainda mais a crítica, justamente por usá-la no original, como encontramos na crônica de 3 de novembro de 1895,

Mete dinheiro na bolsa – ou no bolso, diremos hoje – e anda, vai para adiante, firme, confiança na alma, ainda que tenhas feito algum negócio escuro. Não há escuridão quando há fósforos. Mete dinheiro no bolso. Vende-te bem, não compras mal os outros, corrompe e sê corrompido, mas não te esqueças do dinheiro, que é com que se compram os melões. Mete dinheiro no bolso ... Make money. E depressa, depressa, antes que o dinheiro acabe. (in Sevckenko, 2001, p.533)

Não só autores, personalidades famosas, políticos, ingleses e americanos, são citados (ou aludidos) continuamente em suas crônicas, mas também instituições, como a Câmara dos Lordes e dos Comuns, bancos e banqueiros, como os Rothschild, além dos hábitos recém-adquiridos como o de apostar nos *turfs* dos *Derby-Clubs* e a corrupção que envolvia *jockeys* e *book-makers*, como escreve em 2 de abril de 1893, “Parece que um ou mais diretores de clubes desportivos acusaram os *book-makers* de atos de corrupção”, salientando também que até os nomes dos cavalos eram copiados, “os cavalos *King, Otelo, Moltke*” (Assis, 1996, p.218). Marcas famosas também apareciam em suas crônicas, como na de 9 de julho de 1893 (não havia ainda a idéia de *merchandising*),

Parece que uma ou mais marcas famosas, como a fábrica inglesa Westminster & Companhia, e nós sempre gostamos de fábricas estrangeiras. Nos primeiros tempos éramos todos franceses; no segundo reinado passamos aos bretões. (ibidem, p.265)

Poetas e escritores como G. Chaucer, S. Coleridge, J. Grimm, H. Longfellow surgiam em seus textos constantemente como se fossem velhos conhecidos dos cariocas. A morte do poeta inglês Tennyson, em 9 de outubro de 1892, mereceu destaque, “*Tennyson* era uma instituição ... Os seus 83 anos não lhe tinham arrancado as plumas das asas de poeta” (ibidem, p.132). No dia 1º de maio de 1892, faz alusão à obra *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, “Valham-me *Gulliver* e o seu invento para

apagar o incêndio do palácio do rei de *Lilipute*” (ibidem, p.50). Utilizava expressões em inglês principalmente quando queria ironizar, elogiar ou criticar o aparecimento e a aquisição de novas invenções, como em 16 de outubro de 1892, quando, viajando em um bonde puxado a burros, escreve, “indo pela praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que esses meus olhos viam andar”, e pôs-se então a reportar a conversa dos dois animais, que, como em Swift, falavam a língua dos *Houyhnhnms*, “Como eu conheço um pouco a língua dos *Houyhnhnms*, pelo que dela conta o famoso *Gulliver*, não me foi difícil apanhar o diálogo”. Continua a reproduzir a conversa dos burros que discutiam a respeito do bonde elétrico e ao tratamento que recebiam, “Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno, traga-os fartos, para que eles se afeiçoem ao serviço; oportunamente mudaremos de política, *all right*” (ibidem, p.136).

JOÃO DO RIO E A *HIGH LIFE* CARIOCA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

No início do século XX, João do Rio, jornalista, cronista, contista e teatrólogo, retratava com extrema maestria o modo de comportar-se e de vestir-se daqueles que tentavam acertar seu passo com o ritmo acelerado dos novos equipamentos tecnológicos e *Jacques Pedreira*, seu personagem favorito e central do livro *A profissão de Jacques Pedreira*, era esse homem “moderno”, com atitudes cosmopolitas e individualistas provindas de europeus e norte-americanos e que representava o carioca ativo e moderno, que agora andava sozinho e às pressas pela cidade, num “*andar à americana*” ou a “*passo inglês*”, usando calças de impecável “corte inglês”, “com apuro inglês” e, portanto, era considerado um *smart* homem de negócios – um *businessman* – que dependia de um novo meio de transporte, o *tramway*. Em *Exercício preliminar* podemos ler, “Saía invariavelmente depois do almoço, só, com uma pasta cor de granada com fecho dourado, saltava do *tramway* apressado como um *businessman*, atravessava a Avenida em *passo inglês*” (Rio, 1992, p.23).

Entendemos aqui a pressa do *businessman* metropolitano em *make money* que o levaria rapidamente à aquisição de bens, das invenções e das novidades, igualando-o aos cidadãos de grandes centros urbanos desenvolvidos e que, em situações mais formais, esses homens trajavam-se elegantemente com *fracks* ou *smoking jackets*. No capítulo “Um homem moderno”, João do Rio (1992, p.17) escreve, “A menor alteração no corte dos *fracks* uma insignificante mudança d’aba nos *chapéus de Londres* ou da Itália tinham nele um fiel ... nunca sentara para jantar sem estar de *smoking* ou de casaca”. Os “janotas” eram identificados como *snob*, praticavam *sports* ao ar-livre – o *football*, jogo da moda –, e freqüentavam *smoking rooms*, em *clubs* onde jogavam *poker*, praticavam o *flirt* e à noite iam ao *music hall*, como registra João do Rio em *Um jovem contemporâneo*.

No início do capítulo denominado “*Sports*”, percebemos como o novo costume da prática de *sports*, assim como os empréstimos lingüísticos, relativos a atividades físicas foram rapidamente adotados e perpetuados.

Tudo na via é sport. O maior sportman de todos os tempos foi positivamente Deus, Nosso Senhor. Esse cavalheiro, predestinado de fato, venceu todas as performances e todos os handicaps, e, segundo observações inteligentes foi o inventor do puzzle na organização do caos ... A corrente contemporânea é particularmente esportiva. Os jornais falam de matches, de velocidades. Os termos ingleses surgem a cada corrida ou a cada pontapé; as pessoas andam na rua como quem vai para um desafio ou pelo menos para uma aposta. (ibidem, p.108)

João do Rio emprestava termos do inglês e muitos do francês ainda para apresentar a capital do país nesse início do século XX. No capítulo “Recepção íntima”, escreve sobre uma reunião de amigos e conhecidos, que tentavam seguir as tendências internacionais modernas, vindas não só de Paris, mas também dos Estados Unidos, tais recepções eram chamadas de *garden party*, “É só imaginar que a recepção da Malvina é uma *garden party*” (ibidem, p.9),

Não era bem um five o'clock tea. Nem uma sauteire. Nem uma recepção. Tinha dos três ... Os sandwiches, os doces, os bolos, os licores e os vinhos da mesa da casa de jantar desapareciam infalivelmente ... A fascinante Luisa Frias, coberta de pérolas (dizem que muitas falsas), porque é moda em Paris a pérola, assim como Gina Malperle, a filha do eterno cônsul do Colorado, com corais rosas e brilhantes para conservar o ar da 5a. Avenida, o tom fluffy, o aspecto americano ... No salão de jantar, devorando sandwiches as Praxedes, a mãe e as duas filhas fazem o seu flirt com o impecável Bruno de Sá e o lindo Dr. Suzel. (ibidem, p.1-4)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto, compreendemos que à medida que a capital do país se modernizava inspirada nos modelos europeus e americanos, o cotidiano dos brasileiros era mais e mais invadido por um comportamento cosmopolita e nosso léxico, alterado. Repetindo Machado, “Nos primeiros tempos éramos todos franceses; no segundo reinado passamos aos bretões”, palavras como *peignoir, tête-à-tête, matinée, bijoux, placard, tourné, bureau, bouquet, abajur, garçon, buffet*, assim como *bond, repórter, trust, box, detective, boycott, leader*, advinham principalmente do chamado “segundo momento da industrialização”, a partir de meados de 1870 – a Revolução Científico-Tecnológica – que, ao se cristalizar, levou a economia ocidental a ter características de “globalizada” e o Brasil a inserir-se num contexto modernizador. Nessa linha de grandes transformações mundiais, aconteceu a mudança paradigmática da Europa para os Estados Unidos já após a Primeira Guerra Mundial e encontramos a cidade do Rio de Janeiro, no auge dessa “importação” de novos costumes ligados aos padrões de consumo, à moradia, à saúde, à higiene, ao lazer, à mobilidade, à comunicação.

Tomando ainda como exemplo Jacques Pedreira, visto como uma espécie de figuração em miniatura do Rio de Janeiro do começo do século XX, Flora Sussekind (1995) cita o artigo “A moda contra a moda”, que João do Rio publicara em *O País* em 6 de março de 1920, em que o personagem

crítica a atitude dos cariocas, acusando-os de provincianos, apresentando-os como meros imitadores e copiadores de todas as modas. Seria um elogio às avessas à capital? Examinemos a citação,

Convenho que sempre imitamos e copiamos nesta Cidade-Espelho. Imitamos e copiamos todas as modas, a da indumentária como a das idéias, a dos costumes, a da moral, a do caráter. São mesmo tantas as modas, sucessivas e incoerentes, a invadir e tomar-nos pensamento e sentimento que todas nos deixam incompletos, no ar, à espera de outra moda que também não nos completa. Essa ansiedade de cópia é o grande mal do Brasil e, principalmente, do Rio – a grande província pernóstica onde se misturam todos os meio-inteligentes do sertão, todos os assaz-pastranas da roça, todos os pretensiosos das aldeias querendo roncar de homens da cidade. (Rio, 1992, p.XV)

A partir da segunda metade do século XX, a língua inglesa transformar-se-ia em *world English*, ou seja, uma *língua global*, vinda agora dos Estados Unidos mais do que da Grã-Bretanha, e que sabemos amada e odiada, aceita e rejeitada, usada e evitada com a mesma força por diferentes grupos sociais ao redor do mundo. É hoje a língua da televisão, do cinema, da propaganda, da música, das notícias, dos políticos.

Com o olhar do presente, constatamos que o mundo globalizado de hoje é muito semelhante ao de duzentos anos atrás, em que a Grã-Bretanha cuidava da internacionalização da vida econômica, ou seja, a globalização financeira já falava inglês, e que a vida política e cultural envolvia (e envolve) interação e simultaneidade. Continuamos dependentes – de maneira invisível – de uma imensa rede de indivíduos, desde as pessoas ao nosso redor àquelas do outro lado do mundo. Aquele Rio de Janeiro que era “o eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo” (Sevcenko, 2000, p.522) pode ser visto hoje como apenas um dos grandes centros urbanos modernos, onde a homogeneidade de comportamentos e as identidades culturais são formadas a partir de um diálogo constante e mais do que nunca aberto com o mundo, e em que as fronteiras da identidade cultural são ampliadas e modificadas diariamente, situação essa que nos faz adquirir uma identidade cultural múltipla por meio de um complexo “moldurar” e “remoldurar” de pensamentos e ações, em meio a um verdadeiro burburinho de informações muito parecido com aquele que Jacques Pedreira enfrentou no início do século XX, uma cosmopolitização compulsória.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1998.
- ASSIS, M. *A Semana, crônicas (1982-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, Canto Edition, 2001.

- FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*.
FIORIN, J. L. *Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99*. São Paulo: Parábola Editora. 2002. Cap.5, p.107-26.
- FIORIN, J. L. *Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99*. São Paulo: Parábola, 2002.
- FREYRE, G. *Ingleses no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- RIO, J. *A profissão de Jacques Pedreira*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1992.
- SEVCENKO, N. (Org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v.3. cap.7 “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”, p.513-619.

HANNA, V. L. H. “*Está bem bom para inglês ver*”: the influence of the English language and culture in Brazil (1808-1920). *Todas as Letras (São Paulo)*, n.6, p.63-71, 2004.

Abstract: *After 1808 Brazil experienced a process of cultural changes. Based on methodological approaches of the Linguistic Historiography, this article presents a brief tracking on how the English language and British culture influenced the Brazilian culture during the XIX century identifying significant moments when language and culture influenced changes related to patterns of behavior, artistic tastes, political preferences.*

Keywords: *Language; culture; cross cultural studies.*

b